

# Preservar a tradição marítima



O presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, Fernando Caçoilo, apresenta o Museu Marítimo de Ílhavo, uma infraestrutura que tem reforçado o âmbito das suas exposições e que recebeu, em 2018, aproximadamente 87 mil visitas.

Enquanto “marca” de um povo e de uma região, o Museu Marítimo de Ílhavo é uma instituição cujas origens remontam ao longínquo ano de 1937 e ao esforço com que uma população bastante ligada ao mar procurou preservar – ao abrigo de uma vertente etnográfica – a memória de um trabalho que sempre rimara com a sua identidade. Mais, todavia, do que cingir-se ao contexto geográfico que a viu nascer, a infraestrutura acabaria por alcançar, após trabalhos de renovação e ampliação concretizados em 2001, uma dimensão nacional assente num “salto qualitativo” e na diversificação da sua oferta museológica.

Efetivamente, o Museu Marítimo de Ílhavo constitui-se hoje como um espaço que se multiplica por diferentes âmbitos temáticos. Importa, nesse sentido, que se comece por uma especial alusão à Sala da Faina Maior (Capitão Francisco Marques), no seio da qual se discorre sobre a pesca do bacalhau praticada por navios portugueses e onde é possível testemunhar a imponência de um bacalhoeiro construído à escala natural. Por outro lado, embora igualmente centrada nos mais diversos aspetos da faina agromarítima, a Sala da Ria demonstra (mediante uma impressionante coleção de embarcações) a diversidade de todo “um ecossistema no seio da região”, lembra o presidente da Câmara Municipal de Ílhavo.



No entanto, e paralelamente à riqueza do supramencionado espólio museológico, sublinhe-se o modo como a Sala do Mar tem vindo a “representar a diáspora dos ílhavos ao longo da costa portuguesa” no que à sua fazanha piscatória e marítima diz respeito, à medida que a Sala das Conchas e Algas encerra, no seu interior, uma vastíssima coleção de conchas doadas pelo francês Pierre Delpout. Subjacente a todas estas expansões, possibilitadas pela remodelação das instalações do Museu Marítimo de Ílhavo, persistiu o desejo de “olhar cada vez mais para o mar” e de reforçar toda uma experiência cultural e formativa, mediante a incorporação de novos polos.

Reflexo direto desses esforços foi, por exemplo, o reaproveitamento de um antigo arrastão, ancorado na Gafanha da Nazaré, que seria reconvertido (em 2001) no atual Navio-Museu Santo André. Já o arranque de 2013 coincidiu com a inauguração de um Aquário de Bacalhaus que, pela sua natureza, permite que o público em geral entre em contacto com uma espécie que, ao longo de séculos, tão bem definiu a economia e o imaginário cultural do nosso país. Mas a este leque de elementos deveremos acrescentar o constante contributo do centro de investigação científica CIEMar-Ílhavo.

Naturalmente, “estas peças interligam-se e formam um conjunto que representa uma oferta diferenciadora para quem nos visita ou se interessa por estas matérias”, lembra Fernando Caçoilo, antes de sublinhar “o crescimento significativo de ano para ano” a que o Museu Marítimo tem assistido, no que concerne ao número de visitas. Efetivamente digno de referência é o facto de o Museu Marítimo de Ílhavo ter superado, em março de 2018, a mítica fasquia de um milhão de visitas (desde 2001). Com efeito, “é a nossa história e a nossa marca, enquanto portugueses, que está ali”, conclui o presidente da Câmara Municipal, numa alusão a uma infraestrutura que, de resto, tem ajudado a “colocar Ílhavo no mapa”.

